

Dessa forma, a exploração do trabalho realiza-se indiretamente, via resultado do trabalho, além daquela que se processa durante o período de trabalho, mediante a produção baseada na parceria. De uma forma geral, o trabalho de Violeta R. Loureiro tem o mérito de repensar criticamente a Amazônia de hoje. E ao fazer isso, denuncia uma série de mitos criados em torno das vantagens do desenvolvimento tecnológico, no quadro do sistema capitalista de produção.

Numa perspectiva a longo prazo, a persistência da pequena produção pesqueira não implica, necessariamente, na conversão desses pescadores em proprietários dos meios de produção, nem tampouco na sua transformação em assalariados; mas significa a reprodução deles, enquanto pequenos produtores, a níveis cada vez mais absolutos de exploração e pobreza.

ROUANET, Sérgio Paulo. (1987). *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

*Maria Angélica Madeira\**

Uma das mais lúcidas contribuições do ensaísmo brasileiro ao debate que se desenrola nesta última década, no cenário intelectual, é o livro de S. P. Rouanet, *As Razões do Iluminismo*, publicado recentemente pela Companhia de Letras. Trata-se, na verdade – no contexto da crise de cultura contemporânea – de fazer a defesa da razão a crítica de toda uma vertente do pensamento atual, que ousa deslocar-se dos paradigmas traçados pela modernidade.

Apesar de constituir-se de diferentes ensaios e artigos publicados, em sua maioria, entre 1985 e 1986, em jornais e revistas. Isso faz com que cada peça guarde autonomia; a obra em questão ganha sua unidade pela cerzidura teórica rigorosa dos temas, que vão sendo modulados a partir da preocupação central do autor: o resgate do conceito de razão, legado da tradição ilustrada.

Distinguindo com Erasmo a sábia razão da razão louca (ou pseudo-razão), o autor constrói seu "*plaidoyer*" a favor da primeira e, com a sofisticada erudição que o caracteriza, convida ao debate pensadores ilustres, "herdeiros legítimos do iluminismo autêntico": Kant, Hegel e os Enciclopedistas, Marx, Freud, os pensadores da Escola de Frankfurt e até mesmo Foucault podem reivindicar o seu pertencimento a essa tradição.

A sábia razão só é defensável, hoje, se for capaz de distinguir-se da razão do século XVIII pois, não sendo ingênua, conhece seus limites externos e internos, tão claramente enunciados por Marx e Freud: a distinção entre razão e ideologia e a vulnerabilidade da razão ao irracional.

---

\* Doutora em Semiologia pela Université de Paris VII, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, coordenadora da Pós-graduação em Sociologia da universidade.

Só a sábia razão teria o poder da crítica e da autocrítica, de denunciar os desmandos da razão, da barbárie fantasiada de razão. Só a sábia razão saberia compreender e transformar o presente, dando continuidade ao projeto moderno, ainda não exaurido em sua plenitude.

Após instigante introdução onde todos esses temas são esboçados, Rouanet abre o livro com um grupo de três ensaios sobre a obra de Walter Benjamin. O primeiro deles – visando especificamente a relação da modernidade com a história –, é uma bela e longa exegese sobre “O Trabalho das Passagens”, texto póstumo do autor comentado e ainda inédito no Brasil.

As vozes dos ensaístas se fazem ouvir num discurso bivocal, estilisticamente divergente, duplamente orientado: Benjamin fala da Paris ocupada, fala por fragmentos, estilhaços, percepções, sensações, notas de leitura; Rouanet, meio século depois, dá acabamento, ordena, harmoniza e interpreta, destacando o motivo do sonho coletivo de cada época, capaz de arrancar a tradição ao conformismo e impregná-la do germe da utopia. É esse filão esclarecido que guiará Rouanet na defesa de sua tese mais polêmica e controvertida: a defesa da continuidade do moderno como néo-moderno, numa perspectiva dialética entre a razão dominante e razão libertadora.

A discussão, competente e exaustiva prolonga-se em outros ensaios, na elucidação dos limiares diferenciais do pensamento de Horkheimer e Adorno, pela análise das aporias da razão que pensa, após ter perdido este direito, resgata o anticonceitual através do conceito e, desde Nietzsche, utilizando seus próprios instrumentos, se auto-crítica.

No combate acirrado que trava contra a “tolice humana”, Rouanet não poupa as ideologias, relicários e estereótipos que têm tido livre curso na cultura brasileira atual: o irracionalismo, o anti-elitismo e o populismo. Desmistifica essas teses por serem obscurantistas, conservadoras e suburbanas e denuncia a falácia de um sistema intelectual auricular que, avesso a toda reflexão teórica séria, propicia uma recepção equivocada de teses de ultramar. Não pelo fato de serem de ultramar – “a inteligência não tem pátria” –, mas, sim, por serem equivocadas, pois “Adorno tem mais a ver com o Brasil, com a construção de uma cultura nacional e com a compreensão dessa cultura, do que um sociólogo positivista nascido em Vitória de Santo Antão”.

Assim, o autor vai arguindo a tradição filosófica por ele eleita, com extremo rigor e “aisance”, com o objetivo de construir seu próprio projeto utópico, liberal e néo-moderno: um racionalismo novo, validado pelo consenso entre o mundo objetivo, o mundo social e o mundo subjetivo, encontrando na teoria habermasiana da ação comunicativa um habitat, mesmo que seja na retórica do futuro do subjuntivo, para a “sábia razão”.

Nesse passo, enquanto vislumbra uma saída, ele se distancia dos pensadores assim chamados de pós-modernos. Na crítica que faz a essa tendência da cultura, Rouanet segue a pista de dois autores cujos paradigmas são essencialmente modernos, Habermas e Jameson, que interpretam o pós-moderno como uma tentativa de ruptura com o moderno.

Aí, talvez, resida o maior mal-entendido de todo o debate. Para o pensamento moderno, trata-se de criar o novo, o néo, trata-se de ser original. O pressuposto da ruptura está implicado na própria noção de vanguarda. Ora, o pós-moderno não quer ser vanguarda e nenhuma palavra é mais estranha ao seu vocabulário do que a palavra ruptura. Não está preocupado em romper com nada, muito menos com o moderno, do qual ele é um pós, uma simples seqüência. Absorve e cita o passado, não ordenando linhagens e colocando aspas, mas produzindo novos agenciamentos; não rompendo, mas deslocando a geografia do pensar.

Ninguém ignora, evidentemente, que a recepção desse pensamento, ultra atual e desconcertante, deu-se, no Brasil, a partir das inevitáveis simplificações que atingem todos os temas quando são assim alardeados, com força total, pela grande imprensa. Ninguém ignora também que o rótulo de pós-moderno, aplicado indistintamente às diferentes esferas da produção econômica, social, política e cultura, não passa de uma generalização que articula, num automatismo rígrado, a relação entre essas esferas e a história. Transbordado da estética, onde os princípios do moderno passaram a exercer uma função normatizadora, o pós-moderno espalhou-se por todos os domínios, sob pressão das mutações ocorridas na sociedade. Essa vertente do pensamento contemporâneo deslança um processo que violenta o bom senso e a boa vontade. Ela quer forçar os limites da sensibilidade ao atual, até os limites do pensamento.

Visto assim, o pós-moderno é mais do que uma etiqueta da moda. Ele traz consigo essa atmosfera de desencanto, de falta de saída. Rouanet tem razão quando diz que o homem contemporâneo está cansado da modernidade. "O pós-moderno é muito mais a fadiga crepuscular de uma época – que parece extinguir-se ingloriamente –, do que o hino de júbilo de amanhã que despontam". É certo que para o homem pós-moderno não há mais bandeiras nem ideologias defensáveis; só há o desejo de despedir-se das esperanças traídas, dos sonhos transformados em pesadelos. Tal homem reivindica o direito de capitular. O pós-moderno é o encerramento de um capítulo. Eis aí a nova perplexidade.

MOONEY, P.R. (1987). *O escândalo das sementes; o domínio na produção de alimentos*. Tradução e prefácio Adilson D. Paschoal. São Paulo: Nobel, 146 p.

*Cyro Mascarenhas Rodrigues\**

A edição deste livro, no Brasil, ocorre oito anos após o seu lançamento, originalmente em inglês, sob o título *Seeds of the earth – a private or a public resource?*, pela Canadian Council for International Cooperation, durante o Encontro

---

\* Pesquisador da Embrapa.